

5

Ser e Estar: A identidade evangélica, o pertencimento religioso e o ideal de equilíbrio

“Ela não é. Ela frequenta.”

Pastor Paulo Henrique.

5.1.

Batismo e aclamação

O protocolo para o ingresso de novos membros na congregação da Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque prevê dois procedimentos distintos que variam de acordo com a igreja de origem daquele que pleiteia seu ingresso. Se o aspirante a membro houver sido batizado¹ anteriormente numa igreja evangélica,² seu ingresso será estabelecido numa cerimônia de “aclamação” perante a congregação. Se o ingressante não houver sido batizado anteriormente numa tal igreja, deverá ser batizado, em cerimônia específica para este fim. Em seguida, deverá tomar parte, também, da cerimônia de aclamação.

É significativo que o pertencimento à congregação da Igreja do Nazareno seja estabelecido segundo um protocolo mais simples para aqueles que já são considerados “evangélicos”. A expressão mais significativa que ouvi dos meus interlocutores ao descrever seus percursos religiosos, designando a transformação que consideravam mais relevante que experimentaram, foi “aceitar” ou “encontrar Jesus”. Tal transformação envolve o batismo, mas não exclusivamente aquele ministrado na Igreja do Nazareno, senão o batismo em qualquer das denominações consideradas “evangélicas”. O protocolo diferenciado tal como

¹ O único batismo que a Igreja do Nazareno prevê é o batismo “na água”. Determina seu manual, na versão atualizada (2009-2013), que: “[o] batismo pode ser administrado por aspersão, afusão ou imersão, segundo o desejo do candidato.” “As crianças poderão ser batizadas quando os pais ou tutores o pedirem, os quais ficarão na obrigação de lhes assegurar o necessário ensino cristão.” A íntegra dos trechos do referido manual que tratam do batismo e da recepção de novos membros estão incluídos nos Anexos desta dissertação.

² Esse termo não foi definido a qualquer tempo. Foram, sempre que pedi que precisassem sua utilização, oferecidas listas de igrejas que fariam parte deste rol. Foram citadas a esse propósito, as seguintes: Batista; Associação Maranata, igreja renovada segundo Fernandes *et alli* (1998: 21); Assembléia de Deus, pentecostal clássica, segundo Mariano (1999: 29); Nova Vida, deuteropentecostal segundo Mariano (*id. ibid.*: 51); Comunidade Nova Aliança, segundo sua história disponível no sítio <http://www.novalianca.org.br/>, poderia ser classificada como deuteropentecostal de acordo com a tipologia de Mariano (*id. ibid.*:28 a 31); e a IURD, neopentecostal, segundo Mariano (*id. ibid.*: 53).

estabelecido na Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque é um reflexo institucionalizado dessa identidade ampla.

A cerimônia de batismo³ ocorre a períodos irregulares, mas em data previamente definida, durante o culto dominical noturno. Segundo o relato de uma das batizadas recentes utiliza-se o método da imersão.⁴ Durante a cerimônia o Pastor dirige-se ao fiel, caso este já tenha idade o suficiente, e segundo o Manual, trata do significado e da importância do batismo sobre a inspiração da carta de São Paulo aos romanos.

“Ou, porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição.” (Romanos 6: 3-5).

Em seguida, recita junto com fiel, uma versão do Credo Apostólico.⁵ Trata-se de uma fórmula na qual o crente professa sua fé nos principais dogmas da fé cristã. Em seguida o fiel é incitado a responder às seguintes perguntas:

“Quereis ser batizados nesta fé? Se o quereis, respondei: “Sim, quero.”

Resposta: Sim, quero.

Reconheceis a Jesus Cristo como vosso Salvador pessoal, e reconheceis a vossa atual salvação?

Resposta: Sim, reconheço.

Obedecereis a santa vontade de Deus e guardareis os Seus mandamentos, andando neles todos os dias da vossa vida?

Resposta: Sim, obedecerei.” Manual (2009: 196-197)

³ Infelizmente, não tive a oportunidade de presenciar tal cerimônia. Desde outubro, quando fiz minha primeira visita à Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque, tal cerimônia ocorreu apenas uma vez, em Novembro, para qual, desavisado, não me fiz presente. A próxima deve ocorrer em maio.

⁴ Para tal monta-se uma pequena piscina plástica no salão principal da Igreja.

⁵ O Manual, às páginas 196, 204 e 206, dá três versões possíveis. Veja a transcrição desses trechos entre os anexos, abaixo.

Feito isso, o pastor fala em voz alta o nome do fiel e conclui dizendo: “eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém.” Manual (2009: 197). Mergulha, ato contínuo, o fiel na piscina.

Crianças podem ser batizadas se assim o desejarem seus pais ou tutores. No entanto, nesse caso, segundo o referido manual, a cerimônia muda de formato, segundo o referido manual. Após o mesmo início que evoca o significado e importância do sacramento do batismo, os pais ou tutores são lembrados que, além de testemunharem sua própria fé ao trazer seus filhos ao batismo, absorvem a obrigação de lhes ensinar:

“[A] natureza e o propósito deste santo sacramento; [de] cuidar da sua educação, para que ela não se desvie; [de] dirigir a sua mente infantil para as Sagradas Escrituras, e os seus pés para o santuário; [de] afastá-la de hábitos e companheiros maus; e, tanto quanto depender de vós, [de] criá-la na doutrina e admoestação do Senhor.” Manual (2009: 198).

Em seguida, os pais ou tutores devem dizer o nome da criança e o pastor repete a fórmula: “eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém.” Manual (2009: 198). O Manual não esclarece, tampouco ouvi algum relato sobre o batismo de crianças, qual o método se utiliza nesse caso, se a aspersão, a afusão ou a imersão, como é o caso dos adultos. A congregação é convidada, em seguida, a se manifestar sobre a aceitação da criança em seu meio, além da sua intenção de ajudar seus pais ou tutores na tarefa de ensiná-la e conduzi-la para a fé.

A Cerimônia de recepção de novos membros, a “aclamação” conforme ouvi do Pastor Paulo Henrique, é conduzida, segundo o manual (Manual, 2009: 204 a 207), a partir da leitura do Credo Apostólico, seguida da fórmula, recitada pelo pastor e o fiel à frente da congregação:

*“Desejando unir-vos com a Igreja do Nazareno, prometeis dedicar-vos à comunhão e à obra de Deus em conexão com ela, como é estabelecido nos **Pactos de Caráter e de Conduta Cristã da Igreja do Nazareno**⁶? Procurareis por todos os meios glorificar a Deus, através de uma vida humilde, conversação sadia e santo serviço; contribuindo devotadamente*

6

Incluídos nos anexos, abaixo.

segundo as vossas posses; assistindo fielmente aos meios da graça; e, abstendo-vos de todo o mal, procurareis fervorosamente o aperfeiçoamento da santidade do coração e de vida, no temor do Senhor?

Resposta: Sim.

Eu vos recebo nesta igreja, à sua comunhão sagrada, às suas responsabilidades e privilégios, e vos dou as boas vindas. Possa o grande Cabeça da Igreja vos abençoar e guardar, e vos capacite para serdes fiéis em toda a boa obra, para que a vossa vida e testemunho possam ser eficientes, a fim de levar outros a Cristo.” Manual (2009: 206 e 207. Destaques meus).

5.2.

A escola dominical

A frequência à escola dominical é uma obrigação de todo fiel da Igreja do Nazareno.⁷ Segundo o manual: “A educação é da maior importância para o bem-estar social e espiritual da sociedade.” (Manual, 2009: 43). No entanto, as escolas regulares, tendencialmente laicas, não são suficientes para prover uma educação considerada completa, que incluía “os elementos básicos do Cristianismo”. (*id. ibid.*). Portanto, “[o]rganizações e instituições educativas nazarenas, tais como Escolas Dominicais, (...) têm por alvo ensinar os princípios bíblicos e os padrões éticos a crianças, jovens e adultos, de tal modo que as nossas doutrinas possam ser conhecidas.” (*id. ibid.*).

Na escola, que tem lugar todos os domingos pela manhã, das 9 às 11, nas dependências da própria Igreja, os membros já iniciados são organizados em 5 grupos que se dividem segundo a idade dos fiéis.⁸ Assim organizados, cada grupo ficando sob a coordenação de um pastor auxiliar, os fiéis debatem temas específicos, definidos previamente, a partir da leitura e exegese do texto bíblico. Vários dos entrevistados justificaram sua adesão à Igreja do Nazareno, assim como a saída de outras igrejas, em particular da Igreja Católica e da IURD, justamente pelo que verbalizam como a “falta de estudos bíblicos”, algo que

⁷ Conduz-se, inclusive, a verificação de presença, através de uma folha de pauta, nos diferentes grupos em que a escola se organiza. A frequência à escola é semelhante àquela do culto dominical noturno pelo que pude observar. Parafraseando o Pastor, na frase citada na epígrafe ao presente capítulo, um dos sinais distintivos de pertencimento à Igreja é educar-se permanentemente.

⁸ Há duas salas para crianças, uma para as de idade igual ou inferior a 6 anos e outra para os que tenham de 7 a 10 anos. Um grupo é formado pelos adolescentes, de 11 a 16 anos, outro para os jovens de 17 a 40 anos e outro para os adultos, com mais de 40.

encontram na escola dominical.⁹ Um grupo específico é formado, sob a coordenação do próprio Pastor, por pessoas que ainda não ingressaram na Igreja. Para esses, durante cerca de 2 meses, são ministradas aulas de caráter predominantemente expositivo, sobre a história da Igreja do Nazareno, da sua chegada e implantação no Brasil, no Rio de Janeiro e em Ricardo de Albuquerque, sobre sua teologia e, também, sobre sua administração.

Na primeira vez que estive na Igreja, apresentei-me ao Pastor antes do culto. Mais tarde, já durante o culto, antes de iniciar o ofertório e a pregação, fui apresentado por ele à congregação. Ao fazê-lo, além de me colocar de pé à vista de todos¹⁰, mencionou a pessoa que me levava até lá, minha ex-faxineira, sentada ao meu lado. Segundo ele, ela “é quase membro da Igreja, *bateu na trave* para estar dentro.” (*grifo meu*). Ela respondeu com um riso nervoso sob o olhar de todos os presentes. Minutos após, o Pastor saudou os demais “visitantes”:¹¹ “Temos visitantes abençoados que eu já considero membro da Igreja. Venham à classe do pastor, por favor! Deus os abençoe. Domingo que vem, nove da manhã. Tudo bem?”. Nesse ponto ecoaram boas risadas na Igreja. Pareceu-me que o recado, bem direto, era para ela.

Em outra oportunidade perguntei-lhe por que o Pastor considerava que ela “batera na trave”. Sua explicação, surpreendentemente, não incorporou sua ausência à escola dominical. Ela concentrou-se na questão de estar atualmente vivendo em concubinato com o atual companheiro. O que, segundo ela, a impediria de tornar-se membro efetivo da Igreja. Ela foi membro da Assembléia de Deus, igreja com a qual, ainda hoje, mais se identifica. Tive, então, a impressão que os requisitos para o pertencimento que ela tem em mente, relativos a códigos de conduta, tradicionalmente associados às igrejas pentecostais clássicas, como a Assembléia de Deus, são diferentes daqueles do Pastor, que apenas mencionou a presença na escola dominical. O que também refere-se, igualmente, a códigos de

⁹ “A Escola Dominical/Estudos Bíblicos/Pequenos Grupos, com o ministério de pregação, provêm o essencial para a igreja quanto ao estudo da Sagrada Escritura e doutrina.” Manual (2009: 81).

¹⁰ Não escolhi onde me sentar. Foram reservados para nós, eu, minha ex-faxineira e seu filho adolescente, assentos na segunda fileira, imediatamente atrás dos lugares ocupados pelos pastores que auxiliavam os ofícios.

¹¹ Categoria em que todos são enquadrados nas suas primeiras visitas à Igreja.

conduta, mas de outra natureza, isto é, sem ferir preceitos relacionados especificamente à conduta moral.

Esse episódio permite construir duas linhas de argumentação. Por um lado, a categoria “visitante” acomoda, pelo menos, dois tipos de atitude do sujeito com relação à Igreja e, portanto, dois tipos de pertencimento abrangidos pela categoria.¹² O primeiro, que poderia ser tratado por “aspirante”, é aquele sujeito que, por qualquer motivo, se aventura na descoberta do que é a Igreja, o que e como prega e o que se espera de um membro. Esse “visitante” pode, ou não, em mais ou menos tempo, dar os passos necessários¹³ para tornar-se um membro efetivo. O segundo, para quem o Pastor dirigiu o recado acima, pode ser designado por “experimentador”. Esse sujeito, embora esteja em busca de algo, não está disposto a, ou não pode¹⁴, pagar o preço da filiação. Mesmo assim, como “visitante”¹⁵, é acolhido nos cultos e pode receber alguns dos benefícios que a filiação religiosa tem a oferecer, como a oração, a palavra divina e o contato com o sagrado e as emoções que suscita.¹⁶

Não é possível distinguir entre os dois tipos de “visitante”, *a priori*. Mas a presença na “classe do Pastor”, que tive a oportunidade de testemunhar, assim como novos batismos e aclamações são evidências da existência do primeiro. E a contundência do Pastor no seu recado sobre a escola dominical evidencia a existência do segundo.

Por outro lado, o “bater na trave” e as suas interpretações possíveis, atinentes aos códigos de conduta moral e/ou à frequência à classe dominical, sugerem a possibilidade de que interpretações divergentes como essa terem sua

¹² Além, é claro, do tipo de pertencimento do membro efetivo, ao qual se opõe àquele do visitante.

¹³ Frequentar “a classe do Pastor” até poder ser batizado e/ou aclamado.

¹⁴ Ouvi relatos que dão conta de dificuldades em família derivada do fato dos maridos ou outros parentes não concordarem com a confissão religiosa. A indisposição inicial e mais recorrente diz respeito ao tempo que a Igreja ocupa na vida da mulher. Tal situação é bastante mencionada na literatura. Veja, por exemplo, Machado (1996).

¹⁵ As frases da epígrafe deste capítulo, “Ela não é. Ela frequenta.”, proferidas pelo Pastor dirigiam-se a esse tipo de pertencimento. Sua crítica, no contexto em proferiu as frases acima, dirigia-se às igrejas, segundo ele neopentecostais, em que esse tipo de pertencimento é “normal”. Segundo ele, alguns dos seus fiéis diziam “ser” de determinadas igrejas apenas porque nelas recolhiam seus dízimos.

¹⁶ Almeida (2006: 116) vê nessa possibilidade “não propriamente o duplo pertencimento, mas uma tolerância por um determinado período até que as pessoas se filiem a uma denominação”. Pelo teor do recado, a tolerância do Pastor estava perto do fim.

origem na bricolagem operada pelos fiéis ao longo da sua trajetória religiosa. Já foi visto no capítulo anterior que tais trajetórias podem apresentar a passagem por múltiplas denominações. Também foi visto como alguns preceitos estranhos, e mesmo contrários, à teologia da Igreja do Nazareno, como a glossolalia, persistem na crença mesmo de alguns membros mais longevos. Essas podem ser evidências do processo de desregulação institucional, tal como descreve Hervieu-Léger (2008).¹⁷ As instituições, a despeito dos seus melhores esforços, perdem o controle sobre a construção e transmissão das crenças em decorrência da sua crescente subjetivação.

5.3.

O trânsito religioso – a aptidão específica para a bricolagem

A circulação dos fiéis concentrou-se, como visto do capítulo anterior, nas igrejas do segmento evangélico, embora, na sua maioria, a igreja de origem, isto é, aquela em que foram criados, tenha sido a Igreja Católica.

As justificativas para a saída da Igreja Católica concentraram-se em dois eixos. Por um lado, na questão da falta de emotividade, da ausência de sensação de plenitude.¹⁸ “Lá [na Igreja Católica] só vai e senta e escuta o padre. Não resolve muito.” Ou ainda, “precisei ir para uma igreja onde pudesse sentir a presença de Deus.” Ou mesmo, “Queria viver um evangelho pleno e verdadeiro.” Por outro lado, indicou-se a discordância dos dogmas. O culto dos santos foi tratado por uns com a áspera acusação de idolatria, mas também com singeleza: “Achava esquisito falar de Jesus e adorar Maria e outros santos. Se for fazer dois, três, quatro trabalhos, você vai se enrolar”. Ou mesmo, um simples, “tenho minha fé apenas em Deus.”

Já o trânsito entre as denominações evangélicas foi justificado, a partir de argumentos mais variados. Por discordância dos códigos de conduta, tais como:

¹⁷ Veja o capítulo 1, página 18.

¹⁸ Em certo sentido, uma insatisfação com o “desencantamento do mundo”. Prandi (1998: 123)

“A Assembléia de Deus era muito rígida”. Ou “tem igreja que não pode nem entrar de boné.”

Discordância dos preceitos litúrgicos: “Onde me batizei [Associação Maranata] era mais louvor e na Igreja do Nazareno tem muita palavra que é muito importante para a vida do cristão.” Na mesma linha, “frequentava a IURD e achava que faltava o uso da palavra de Deus, pois eles usam pouco a Bíblia a meu ver.” Ou ainda, “No Nosso Senhor parece que só eles vão pro céu. Só eles dão a paz. Não dão benção pra pessoas que venham de outra Igreja. E isso não está de acordo com a Bíblia.”¹⁹

Houve, por fim, menções a motivos mais prosaicos, como a mudança de endereço, para trocar de denominação: “Eu morava de aluguel. Assim que me mudava para outro bairro tinha que mudar de Igreja para não ter que pegar ônibus. Eu gosto de Igreja perto da minha casa para eu ter mais compromisso e poder cumprir com ordem.” Razões relativas à congregação: “Havia muita fofoca lá [na igreja que frequentava].” “Aqui a gente é muito unido.” Ou, “estamos sempre juntos.”

Houve mesmo quem negasse haver qualquer razão específica para a mudança. Seja apontando para uma vaga iluminação que ele próprio não saberia nem poderia explicar: “Senti no meu coração que meu tempo lá havia terminado e que Deus me levaria a outro lugar a fim de cumprir Suas promessas em relação ao meu ministério, o que de fato ocorreu.” Seja utilizando um singelo: “Foi à toa.”

As justificativas para a saída da Igreja Católica mobilizaram sentimentos de insatisfação, de vazio, em relação à falta de mobilização que sentiam. Já o trânsito entre as denominações evangélicas foi justificado por razões mais localizadas e parciais. Essa diferença remete a duas questões. Por um lado, pode ser tomada como uma evidência da existência de uma identidade evangélica abrangente²⁰ entre os fiéis da Igreja do Nazareno. O que os separa das outras

¹⁹ Observe-se que a amostra dos entrevistados é composta, predominantemente, por fiéis que frequentam assiduamente a escola dominical. Portanto, seria de se esperar que entre suas motivações para ter ingressado na Igreja do Nazareno figurassem em posição privilegiada os estudos bíblicos.

²⁰ Numa das minhas visitas reparei que os fiéis que trabalhavam na obra da Igreja, mantinham sempre ligado um rádio sintonizado a uma estação evangélica. Perguntei qual era a

denominações do segmento são aspectos menos importantes, “detalhes”. Motivações certamente menos sérias do que a idolatria, por exemplo, contra a qual todos se põem logo de acordo. Por outro lado, pode-se perceber tal diferença como um sinal da construção subjetiva das crenças, da bricolagem, mas orientada predominantemente para dentro do segmento evangélico, permitindo “ao indivíduo (...) compor ele mesmo seu padrão religioso evangélico pentecostal com mais ou menos música, mais ou menos corporalidade²¹, mais ou menos doutrina, mais ou menos moral, mais ou menos teologia, em suma, ele mesmo pode realizar a “calibragem” da sua religiosidade e do seu vínculo com um grupo específico.” (Almeida 2006: 117).

5.4.

Evangélicos ou pentecostais? A emoção e a proximidade do sagrado

Segundo o Pastor, “há [atualmente] um mal-estar, um vazio espiritual, na sociedade. As pessoas chegam aqui [na Igreja] procurando um refrigerio. Se não encontram, elas saem.”

O tema a essa altura da conversa era a proximidade entre a Igreja do Nazareno e as denominações pentecostais. Após fazer duras críticas às igrejas que identifica como neopentecostais²², em particular, à Teologia da Prosperidade: “O evangelho que Jesus pregou é muito mais do que dinheiro. É servir e não ser

estação e à qual denominação pertencia. Como resposta, ouvi vários elogios a tal rádio, Melodia FM 97,5. Soube que era, sim, de um deputado federal evangélico, mas que a estação não transmitia pregações específicas de uma denominação ou de outra. Quando havia transmissão de alguma oração era sempre de um pastor de uma denominação diferente, de forma alternada.

²¹ Tratar do tema da corporalidade assim como da sua relação com o “avivamento” e, mesmo, da predominância da cura entre os temas da pregação e da narrativa das bênçãos recebidas fazia parte dos objetivos dessa pesquisa. No entanto, devido aos limites a que estivemos sujeitos, assim como, à opção por concentrar a análise nos relatos de mudança religiosa, esse tema não será tratado nesta pesquisa.

²² O Pastor identifica, inclusive, a saída, “o êxodo”, de fiéis como uma consequência de tal prática. O foco excessivo em questões relacionadas ao dinheiro faria os membros deixarem a igreja. Essa interpretação pareceu-me viesada pela sua posição. Os dados quantitativos e qualitativos disponíveis não apóiam tal afirmação. Pelo contrário, as denominações que mais crescem são as neopentecostais. No entanto, o que o Pastor observa na sua prática cotidiana é o ingresso em sua Igreja de fiéis que discordam das práticas dessas igrejas e encontram na Igreja do Nazareno um discurso que corrobora sua insatisfação pessoal. Por outro lado, segundo o Pastor, tais igrejas atraem críticas para todas as denominações. “Isso aí [a Teologia da Prosperidade e as igrejas neopentecostais] atrapalharam muito as denominações históricas.”

servido.”, o Pastor rendeu-se ao que pode ser visto como a “identidade da nossa época” Prandi, R. (1998: 123), o fato das pessoas chegarem à Igreja em busca de alívio, “refrigério”, nessa época atual que se caracterizaria pelo “mal-estar”.²³

O Pastor parece convergir para a questão da emotividade e da corporalidade como o remédio para esse “mal-estar”. Nesse sentido, acredita aproximar-se dos pentecostais. Por isso, o Pastor se identifica com outros pastores²⁴ que, como ele, tem um “ânimo avivado.” Nesse sentido o Pastor reconhece: “não dá para fechar termo se a Igreja do Nazareno é ou não pentecostal.” Segundo ele, 60% dos pastores da Igreja do Nazareno vieram de outras denominações. E a liturgia, sobretudo, variaria segundo a origem de cada pastor: “eu te indico uma igreja do Nazareno onde o culto é muito avivado. E você vai pensar que está numa igreja pentecostal. Posso te indicar outra em que você vai se sentir como se estivesse numa igreja batista.” “Vai depender muito do comportamento desse pastor. De como ele conduz o culto, de como ele conduz a igreja.”

Segundo o Pastor, “a Bíblia te dá uma interpretação para dois tipos de comportamento” que estaria “nos dois vieses”: “ser cheio do Espírito Santo é ser uma pessoa amorosa com todas as pessoas, benigna, pacífica, que pratica a bondade. Isso é ser cheio do Espírito Santo. E nesse enchimento posso estar aqui, contido, e cheio do Espírito Santo.” “A euforia com o enchimento do Espírito Santo também é denotada. A pessoa cheia do Espírito Santo pode pular, saltitar, gritar, virar cambalhota. E também estar cheia do Espírito Santo.”

De fato, os cultos da Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque podem muito bem ser descritos como “avivados”. Iniciam-se com música ao vivo, em volume bastante alto, sob a responsabilidade do Ministério do Louvor, e leitura de trechos variados da Bíblia, em especial, do Novo Testamento, tanto pelo Ministério quanto pelos pastores auxiliares. As letras das músicas assim como as frases que são ditas durante e entre elas concentram-se na grandiosidade do poder

²³ Essa percepção, construída significativamente recorrendo-se à sensação de um ambiente climatizado por um ar-condicionado, ou melhor, à falta deste naquelas paragens, que quem já esteve em Ricardo de Albuquerque entende imediatamente, pode ser entendida como a tradução, em termos locais, das idéias relativas à época atual, da modernidade reflexiva, exposta no capítulo 1, acima.

²⁴ Como um que conheceu num período que morou na Flórida, EUA.

divino, na radical separação entre Deus e os homens e na perspectiva de uma vida melhor para quem se submete a Ele: “Eu não faço, você não faz, mas Ele faz o impossível! Dobre o joelho! Chora! Clama!”. “Você não sai de casa para adorar a nós. Você sai de casa para adorar a Deus!”. Durante as músicas, além de cantar, mesmo que não seguindo exatamente as letras, e acompanhar o coro nas interjeições de “Glória!”, “Amém!”, entre outras, ocasionalmente, um fiel ajoelha no chão, de costas para o altar²⁵, com os cotovelos sobre sua cadeira, ora e se levanta fazendo o sinal da cruz. O que mais impressiona quem não está habituado a essa gestualidade é a intensidade do momento, construída com som ao vivo muito alto, gritos, gestos e coros, sob o estímulo e a regência do Ministério do Louvor. As interjeições não protocolares são estimuladas e aquele ambiente de emoção intensa atua como que alinhando a todos na mesma frequência, na intensidade da presença do Espírito Santo.

As mensagens das músicas despertam ou “avivam” ainda mais a congregação. Duas, em especial, chamaram-me a atenção. Uma trata da “unção do Espírito Santo”. Seu refrão repete: “com a unção, imbatível serei!”. Outra canção remete à passagem bíblica²⁶ em que Moisés abre o Mar Vermelho.²⁷ Nesse ponto a vibração da congregação atinge o ponto máximo. Algumas pessoas pulam, algumas socam o ar, outras choram, quase todas gritam.

Segundo o Pastor, no entanto, a liderança da Igreja do Nazareno “prega o equilíbrio”: “Não reter aquilo que Deus te deu, mas também não transformar o culto num pula-pula, num cai pra lá, cai pra cá.”²⁸ O ideal de equilíbrio, embora seja uma orientação “da liderança”, é um território cinzento, incerto, “vai depender muito da igreja”, de cada pastor, do seu “ânimo” e das suas origens.²⁹

²⁵ Um altar simples, um pequeno púlpito de granito sobre dois degraus, pouco ornamentado. Cerca de 7 fileiras de cadeiras estendem-se de cada lado, com uns 5 ou 6 lugares cada, totalizando entre 70 e 80 assentos. No canto esquerdo a banda e um telão na parede onde passam clipes, que incluem legendas com as letras das canções.

²⁶ Êxodo, (14:15-31).

²⁷ O tema da resolução dos problemas pela intervenção divina é recorrente.

²⁸ “O falar em línguas”, por exemplo, está mesmo fora do cardápio: “não é dessa forma que a gente entende.”

²⁹ Embora tenha impacto no cotidiano da congregação. Certa vez, reparei numa mulher muito bem vestida, usando sapatos de salto muito alto, pulando repetidamente, sem parecer nem um pouco incomodada. Soube, mais tarde, que a falta de comedimento desse tipo de conduta não é muito bem visto na Igreja. O ideal de equilíbrio, de que fala o Pastor, não o recomenda. O que condiz com algumas das objeções que Ingersol e Tracy (1999) fazem ao pentecostalismo. Essa

Há muito que pode ser depreendido desse depoimento em relação ao que já foi apresentado até aqui. Tanto o Pastor, em particular, quanto a Igreja³⁰, em geral, orientam-se pelo diagnóstico do mal-estar, do vazio espiritual modernos. E o principal elemento do “refrigério” que entendem poder oferecer tem relação com a concretude do sagrado, a presença de Deus,³¹ e da Sua palavra, nas vidas dos fiéis. As formas dessa expressão têm relação, por um lado, com a centralidade da educação que a Igreja do Nazareno reteve das suas origens metodistas. Por outro lado, tem relação com o despertar das emoções que o “avivamento” enseja.³²

Os fiéis, por sua vez, convergem nesse mesmo sentido.³³ Justificam sua adesão pela importância da Palavra, mas, também, pela intensidade dos cultos. No primeiro ponto, o “outro” relevante, contra o qual dirigem suas críticas, são as outras denominações pentecostais, principalmente³⁴, que, segundo os fiéis entrevistados, não privilegiariam suficientemente a leitura e o estudo da Bíblia. Quanto ao “avivamento”, dirigem a crítica principalmente à Igreja Católica. O que pode ser entendido como uma reação ao desencantamento, à secularização das grandes religiões.³⁵ As suas histórias de mudança religiosa podem ser tomadas como dotadas de um sentido em direção a um reencantamento do mundo.³⁶

Em relação à proximidade do pentecostalismo, o Pastor a situa na questão da liturgia, do “avivamento” do culto.³⁷ Toma o cuidado de mencionar, porém, o

Sra. menos comedida fora afastada das funções que tinha na Ministério de Louvor. Em seguida, deixou a Igreja encaminhando-se para a Nova Vida.

³⁰ Veja, por exemplo, os Pactos de Caráter e de Conduta Cristã da Igreja do Nazareno, no anexo. Veja, ainda, Ingersol e Tracy (1999: 20 a 37).

³¹ De Jesus ou do Espírito Santo, posto que acreditam na Trindade.

³² E que se soma à questão da glossolalia tratada no capítulo anterior para respaldar a interpretação de uma doutrina em mudança, numa negociação permanente do presente, do “avivamento” em resposta à necessidade de “refrigério”, com suas origens, seu passado, expresso nos Manuais.

³³ Não é a toa que estão entre os mais assíduos e engajados na Igreja.

³⁴ Embora a Igreja Católica não tenha escapado ileso desse tipo de crítica.

³⁵ Tal sorte de construção pode não ser alheia a um modo particularmente brasileiro de pensar. Pode-se argumentar, como Maggie (2001), que a concretude do sagrado proporcionada pela presença do Espírito Santo, teria particular apelo aos aspectos mágicos e personalistas do universo religioso popular brasileiro. Mendonça (2006: 109) apresenta interpretação semelhante.

³⁶ Prandi (*id. ibid.*). Mas um reencantamento direcionado para o campo evangélico. O que, de um lado, apelaria à chamada mentalidade mágica da cultura brasileira, mas o faria a partir de “uma face mágica socialmente menos discriminatória”. Mendonça (2006: 100).

³⁷ A expressão intensificada da emoção pode ser vista, a exemplo do que faz Bastide (1997), como produzidos pela emergência de um sagrado selvagem que resiste ativamente à sua domesticação promovida pelo processo de institucionalização do sagrado, que estaria dando sinais de esgotamento.

ideal de equilíbrio como um limite para tal aproximação. Posição semelhante é expressada por Ingersol e Tracy (1999: 203 a 211), por exemplo. No entanto, a indefinição que tal aproximação promove, e o ideal de equilíbrio não esclarece, permanece como uma questão em aberto. Do ponto de vista institucional, tal situação exemplifica o tipo de dificuldades³⁸ que elas encontram no processo contínuo de definir seus próprios contornos, preceitos, práticas e limites. Do ponto de vista dos fiéis esse mesmo processo de desregulação da crença também é visível: Na intensidade do trânsito, principalmente dentro do segmento evangélico que, segundo Almeida (2006: 117) apresenta-se “como uma variação religiosa sem perda da identidade e sem compromisso com uma comunidade fixa.” Mas, também, pode se perceber seus indícios na bricolagem de elementos de crença estranhos à teologia da Igreja, como a glossolalia.

³⁸ A despeito de todos seus esforços. Tais como, por exemplo, o programa das “classes do Pastor”.